

IMIGRAÇÃO ITALIANA E DESENVOLVIMENTO EM MINAS GERAIS

Lígia Maria Leite Pereira

Como é de amplo conhecimento, a partir da década de 1870, as correntes de imigração constituíram importante fator na formação da sociedade brasileira, destacando-se entre elas a de imigração italiana.

Até muito recentemente, os estudos sobre imigração italiana concentravam-se no Estado e na cidade de São Paulo. A realização do “Seminário de Imigração Italiana em Minas Gerais”, que já está em sua quinta edição, tem sido oportunidade para revelar a magnitude e a importância de tal movimento e oferecido significativa contribuição para o seu conhecimento.

Em Minas Gerais, a primeira grande corrente ocorreu entre 1884 e 1901, quando entraram 52.582 imigrantes¹. Grande parte desses imigrantes se dirigiu para Juiz de Fora. A imigração para essa cidade pode ser dividida em dois momentos.

No primeiro, quando se deu a construção da Rodovia União e Indústria, ligando Juiz de Fora a Petrópolis, no Rio de Janeiro, em meados da década de 1850, veio o imigrante alemão. A rodovia foi aberta em 1860. O desenvolvimento e a consolidação do sistema viário fizeram com que Juiz de Fora se transformasse no principal centro armazenador de café da Zona da Mata. A cidade se tornou, então, centro comercial de vulto.

Em 1887, cafeicultores e industriais organizaram a Sociedade Promotora da Imigração em Minas Gerais, tendo como objetivos a introdução e o estabelecimento de imigrantes na província. Juiz de Fora foi a cidade escolhida para centro do serviço de imigração.

No segundo momento, entre o final do século XIX e início do século XX, vieram os italianos. Sua contribuição, e a dos imigrantes em geral, para o desenvolvimento industrial e comercial da cidade de Juiz de Fora foi, principalmente, no fornecimento de mão de obra qualificada, dando origem às primeiras manufaturas, na

¹ Parte deste texto foi extraída de PEREIRA, Lígia Maria Leite; FARIA, Maria Auxiliadora de. *Indústria Mecânica do Estado de Minas Gerais – Memória Histórica*. Belo Horizonte: Sindmec/Fiemg, 2007.

criação de casas comerciais e oficinas, bem como na criação de um mercado de mão de obra.

Além de constituírem o primeiro mercado de trabalho especializado, os imigrantes foram responsáveis pelos primeiros empreendimentos industriais na cidade, como de resto em muitas outras de Minas e do País. Domingos Giroletti salientou que a imigração foi um fator relevante para o processo de industrialização, intensificando o processo de divisão social do trabalho e diversificando o mercado de mão de obra e o mercado interno. Disse mais:

A mão de obra imigrante, qualitativamente superior à do escravo, era dotada de certas habilidades profissionais extremamente funcionais face às mudanças que se processavam. Além de conhecimentos de agricultura, os imigrantes dominavam uma gama de técnicas artesanais e manufatureiras relativamente diversificadas que variavam desde a transformação de alimentos (banha, salame, farinha, massa de tomate, conservas, massas, doces, bebidas...) até a fundição de ferro ².

Na década de 1880 se tem notícia de empreendimentos industriais tocados por italianos, a exemplo da “Oficina São Sebastião”, de Perrota & Groia.

Depois de Juiz de Fora, os imigrantes italianos foram atraídos para muitas outras cidades e regiões do Estado.

Imigrantes estrangeiros na capital mineira

Para se avaliar o peso dos imigrantes na construção de Belo Horizonte e no começo de seu processo de industrialização não é preciso ir muito longe. A cidade é marcada pela presença do estrangeiro, que se revela em nomes de ruas, de firmas, de estabelecimentos comerciais, de instituições de naturezas diversas. Em publicação do Museu Abílio Barreto, foi observado.

Por motivos variados e com expectativas diferentes, homens e mulheres de outras nacionalidades para cá vieram e aqui refizeram as suas vidas. Trabalharam, constituíram suas famílias, seus negócios, inventaram formas de sociabilidade, fizeram escolhas, promoveram trocas e acrescentaram, por certo, às suas experiências anteriores, valores culturais novos que, somados aos que traziam na bagagem,

² GIROLETTI, Domingos. *Industrialização de Juiz de Fora – 1850/1930*. Juiz de Fora: ed. da Universidade Federal de Juiz de Fora, 1988, p. 19-20.

resultaram na constituição de um novo sujeito. [...] Com o estrangeiro, o da terra aprende diferentes modos de fazer. Construtores da cidade ensinaram técnicas e aprenderam maneiras. Agricultores trouxeram novas sementes e descobriram outros frutos; padeiros misturaram ingredientes e fizeram pães de novo tipo; artistas se deliciaram com o belo de nosso horizonte e encenaram, desenharam, esculpiram, pintaram, dançaram e misturaram ritmos de uma maneira nova; operários aprenderam e ensinaram seus modos de manejar água, fogo e forja. Para professores, clérigos, homens de negócios ou simplesmente para homens e mulheres, independentemente da profissão que trouxeram, a vida vivida em Belo Horizonte os torna gente desta nossa terra, como pode fazer dos nativos, gente estrangeira. Tudo depende da perspectiva com que se olha a questão ³.

O primeiro e mais expressivo movimento ocorreu justamente na fase de construção da cidade. Esse momento coincidiu com um período de intenso fluxo imigratório da Europa para o Brasil pelo aumento da demanda de mão de obra causado pelo fim da escravidão e, em menor grau, pelas teorias raciais então em voga, das quais se deduzia a necessidade de branqueamento da população nacional. Na Europa, por sua vez, a situação de desemprego e pobreza favorecia a emigração, para muitos uma questão de sobrevivência, para outros, a promessa de novas oportunidades.

Entre os anos de 1888 e 1898, foi adotada uma política de incentivos e subsídios para a imigração em Minas Gerais. No mesmo contexto histórico, o governo brasileiro criou uma série de facilidades e, por intermédio de uma propaganda maciça na Itália, difundiu uma imagem do País como uma terra de oportunidades.

Dentre os imigrantes que se fixaram em Belo Horizonte, os italianos formaram a maior parte. Naquela época, a Itália era um país agrícola bastante limitado, pois o desenvolvimento industrial ocorrera principalmente no Norte, não alterando a situação de pobreza de sua agricultura. Apesar de pequena, a Itália era uma nação de grandes contrastes. Além dos motivos econômicos, as guerras prolongadas e até mesmo as razões de cunho religioso atuaram no sentido de motivar a vinda de numerosos contingentes de italianos em busca de oportunidades.

Os trabalhadores começaram a ser atraídos com propaganda nos jornais italianos, que anunciavam a concorrência de terras na região de Curral del Rei. Em 1896, foi divulgado um panfleto com informações sobre imigração para Minas Gerais, em toda a Itália. O primeiro contrato do governo mineiro foi assinado em 2 de julho de

³ *De outras terras, de outro mar: experiências de imigrantes estrangeiros em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2004. Catálogo da exposição realizada no Museu Histórico Abílio Barreto no 2º semestre de 2004, p. 7.

1892. Pouco mais de dois anos depois, um navio com os primeiros 292 imigrantes italianos com destino ao Arraial do Curral del Rei chegou ao porto do Rio de Janeiro. Desses pioneiros, alguns teriam sido direcionados para a Fazenda do Barreiro, onde o engenheiro Aarão Reis organizava o primeiro núcleo agrícola nas redondezas da futura capital. Outros três contratos de imigração se seguiram. Antes de se instalarem, os imigrantes eram alojados por alguns dias nas hospedarias de imigrantes.

O governo italiano, de sua parte, incentivava a imigração naquele momento. Conforme os registros, 18.999 italianos entraram oficialmente em Minas Gerais no ano de 1896, em comparação aos 3.002 espanhóis e 448 portugueses⁴. Em 1896, foi fundada a “Società Operaria Italiana di Beneficenza e Mutuo Soccorso”.

Com a cidade em formação, nas duas primeiras décadas do século XX, houve campos de trabalho propícios para o estabelecimento dos recém-chegados. Nas áreas em expansão, como comércio, indústria e prestação de serviços, oportunidades surgiram para alguns imigrantes que eram do “ramo”. Podiam atuar ainda como importadores, trazendo novidades tecnológicas e outros objetos de consumo. Esses comerciantes, inclusive, escreviam a parentes (ainda no exterior ou já no Brasil), mencionando as possibilidades de trabalho na nova capital⁵.

As obras demandavam vários tipos de profissionais e serviços, o que significa que o contingente estrangeiro era composto pelas mais diversas categorias profissionais: arquitetos, lavradores, paisagistas, empreiteiros, mestres de obras, empreendedores, artistas e comerciantes.

Alguns estrangeiros vieram para Belo Horizonte como mão de obra graduada – caso de arquitetos, engenheiros e paisagistas; outros atuaram como empreendedores, abrindo estabelecimentos que eram responsáveis pelo fornecimento de material para a construção da cidade. [...] Na mesma leva, mas em maior número, vieram os operários e agricultores anônimos responsáveis, respectivamente, pela construção e abastecimento da cidade. Igualmente anônimos, embora não tão numerosos, eram os ambulantes, mascates, donos de botequins e pequenas vendas que imigraram para a nova cidade motivados pelas possibilidades econômicas abertas na nova capital⁶.

⁴ Números apresentados por Teodoro Magni (s/d:s/p), In: *Ibidem*, p. 21.

⁵ *Ibidem*, p. 23.

⁶ *Ibidem*, p. 37.

Os pioneiros

A presença dos imigrantes se fez marcante entre os primeiros e maiores industriais da cidade, a exemplo do que ocorreu em Juiz de Fora e outras cidades do País.

Os registros indicam que a preponderância de imigrantes na atividade industrial era de italianos, seguidos de portugueses e espanhóis ⁷.

Ao lado daqueles que vieram diretamente para Belo Horizonte, consta que muitos dos que chegaram nessa época já haviam se estabelecido em outras cidades mineiras, como Juiz de Fora e Barbacena; ou em outros estados, e vieram atraídos pelas oportunidades que a construção de uma cidade oferecia.

Entre os trabalhadores, também foi significativa a presença de imigrantes na Belo Horizonte em obras. Conforme registrou Abílio Barreto, ao chegar o período de construções, ficou evidente a escassez de mão de obra para tão grandiosa obra. O então engenheiro-chefe Francisco Bicalho, não vendo outra saída senão a imigração, solicitou à Secretaria da Agricultura a conveniência de se instalar uma hospedaria de imigrantes, *“fazendo a Inspeção de Terras e Colonização dirigir para ela principalmente imigrantes solteiros, que queiram dedicar-se a serviços por salários...”* Logo foram tomadas as providências necessárias para o serviço de imigração e iniciada a construção da hospedaria, à margem da linha férrea do ramal. Conforme os registros da época, de janeiro de 1896 a 31 de maio de 1897, haviam entrado na hospedaria 1.543 indivíduos, dos quais 15 adultos haviam falecido. O certo é que, em pouco tempo, já havia excesso de operários em Belo Horizonte ⁸. Muitos desses operários se tornariam, mais tarde, industriais.

Durante a construção da cidade e logo após a sua inauguração, diversas pequenas indústrias começaram a se instalar, em geral voltadas para o consumo popular. Eram serrarias, marcenarias e carpintarias, fábricas de ladrilhos e marmorarias, fábricas de carros e carroças, tipografias, colchoarias, curtumes, olarias e ferrarias, além de

⁷ Esses dados foram obtidos em *100 Anos da Indústria em Belo Horizonte*. (Belo Horizonte, FIEMG/SESI, 1998, p. 22), examinando-se as relações de indústrias publicadas em relatórios de prefeitos, levantamentos censitários realizados pelo Departamento de Estatística da Secretaria de Estado da Agricultura e publicações diversas dos primeiros anos da Capital.

⁸ BARRETO, Abílio. *Belo Horizonte – Memória histórica e descritiva*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995, v. 2, p. 398-399.

artigos para vestuário, sabão, fundição, caldeirarias, funilarias, cervejarias, fábrica de palhas de cigarro e de cigarros.

A política de incentivos à industrialização implantada com o decreto 1516, assinado pelo prefeito Bernardo Monteiro em 1902, foi fundamental para a instalação de diversas indústrias na capital mineira. O decreto previa doações de terrenos, isenção de impostos e fornecimento gratuito de energia elétrica. As indústrias se fixaram na Praça da Estação, que foi a primeira região industrial da cidade, atraídas pela facilidade de transporte de matérias-primas e equipamentos ⁹.

Dessa fase da cidade, mencionem-se a indústria de Giovanni Lunardi e seu filho Estevão, de 1896, que começaram um pequeno comércio de ferragens, vidros e materiais de construção em geral. Depois, instalaram a “Marmoraria Lunardi”, que iniciou suas atividades em 1899, e a “Carlo Fornaciari & Filhos”, de 1897, que se dedicou a fabricação de bebidas gasosas, como cerveja, soda e guaraná ¹⁰.

A presença de imigrantes italianos foi particularmente forte no setor mecânico. A seguir, algumas indústrias representativas dessa fase.

“Mechanica de Minas” – Em meio ao clima de otimismo que reinava na nova Capital, onde tudo ou quase tudo estava por fazer, em 1903 foi fundada a “Mechanica de Minas”, pelo imigrante italiano Victor Purri. Nascido na cidade de Filadélfia, Província de Catanzaro, na Calábria, emigrou para Buenos Aires, indo em seguida para São Paulo, Juiz de Fora e Tripuí. De acordo com Victor Purri Netto, estabeleceu-se em Ouro Preto, de onde saiu para Belo Horizonte, tendo participado da inauguração da cidade. Casou-se com Regina Cantarini, também italiana, com quem teve dez filhos. Iniciou seus negócios em Belo Horizonte com uma serralheria.

A “Mechanica de Minas” foi a primeira indústria metalúrgica da época em condições de completar um ciclo de fabricação de produtos metalúrgicos de uso corrente. Esse ciclo começava na fundição de peças em “fonte” e ia até o produto final, que era muito necessário no início da cidade, que precisava de caixas de ferro fundido, usadas pelo departamento de águas da prefeitura para a construção das redes de água e de esgotos. Foi uma das primeiras fábricas a utilizar energia elétrica que começava a ser produzida por uma Companhia independente na cidade. Por isso, tinha seu próprio gerador de emergência com motor a querosene.

⁹ 100 Anos da Indústria em Belo Horizonte. Belo Horizonte, FIEMG/SESI, 1998, p. 13.

¹⁰ ÁVILA, Cristina & LANA, Adriano. *Pasta Mía: Iconografia e Costumes*. Belo Horizonte, 2005.

Em 1910, a *Brazil Revista* registrou os benefícios prestados pela “Mechanica de Minas” para o funcionamento de outras indústrias da capital mineira: *“Os benefícios prestados pela Mechanica de Minas à estabilidade das outras indústrias são incalculáveis. Basta dizer que, até a data da sua fundação, os industriais ficavam, às vezes, com máquinas paradas por falta ou avaria de uma peça”*.

“Fábrica de Carros e Carroças Domingos Chiari & Irmãos” – O italiano Domingos Chiari chegou ao Brasil, mais precisamente em Minas Gerais, em 1896. Trabalhou inicialmente na região mineradora da cidade de Mariana e na construção da Estrada de Ferro Central do Brasil, no trecho de ligação entre o norte e o centro do Estado. Ainda nesse mesmo ano veio para o Arraial do Curral del Rei, onde instalou uma oficina para construção de carroças, então o principal meio de transporte. Em 1911, transferiu-se definitivamente para a capital mineira. Fundou, então, juntamente com os irmãos Pedro Paulo, carpinteiro como ele, e Ângelo, ferreiro, a “Fábrica de Carros e Carroças Domingos Chiari & Irmãos”, em terreno doado pela Prefeitura, na Rua Juiz de Fora, no bairro do Barro Preto. Consta que as carroças e charretes feitas pela Domingos Chiari & Irmãos destacavam-se pela qualidade. Dentre seus clientes estavam os maiores empreendedores da Capital, a Prefeitura e o Governo do Estado.

Nos primeiros anos da nova Capital, registre-se também a Fábrica de Carros e Carroças de Domingos Mucelli, a “Mucelli & Filhos”.

“Fundição Moderna” – Impossível falar em atividade industrial em Belo Horizonte no início do século XX sem mencionar a família Magnavacca. Enéa José Magnavacca chegou ao Brasil nos primeiros anos do século XX em busca de oportunidades e figura entre os pioneiros que abriram caminho para os industriais que vieram depois. Desembarcou no Rio de Janeiro e depois de passar por Juiz de Fora, São João del Rei e Sete Lagoas, se instalou em Belo Horizonte, onde fundou, em 1908, a “Fundição Moderna”. A indústria tinha um alto-forno, fazendo ferro-gusa e fundição de peças, além da indústria mecânica. Fazia moendas de cana, britadores, arados, vagonetas, inclusive para a rede ferroviária e vagonetas para mineração. A parte de serralheria também foi muito importante.

Nos anos 1920, Enéa José se associou aos filhos, Hamleto e Arcangelo, e o empreendimento passou a se chamar “Fundição Moderna – Magnavacca & Filhos”. As empresas dos Magnavacca fizeram muitos trabalhos na cidade. Até hoje ainda se vê nas ruas da cidade peças para boca de lobo, tampas de esgoto, caixas de hidrômetros,

principalmente na Savassi e no bairro de Lourdes, com o nome da “Magnavacca & Filhos”.

“Horácio Albertini Com. Ind. Mec. Ltda, Hasa” – Os primeiros Albertinis que vieram para o Brasil deram muitas voltas antes de se instalarem em Belo Horizonte. Depois de rodar pelo interior de Minas acompanhando o pai, montando e instalando equipamentos em fazendas, Horário, que chegou ao Brasil aos três anos de idade, veio para a capital mineira, trabalhou com Victor Purri, e depois de algumas andanças instalou sua empresa, nos anos 1930.

“A Única” – Uma das representantes da década de 1920 é “A Única”, empresa fundada em 1928 por Américo Santiago Piacenza. Com a mulher e dois filhos, Américo chegou a Belo Horizonte em 1897, mas dirigiu-se primeiro a Ouro Preto, contratado que fora pelo então presidente do Estado, José Francisco Bias Fortes, para trabalhar na construção de Belo Horizonte. De Ouro Preto seguiu para Belo Horizonte e, antes de fundar “A Única”, trabalhou na “Magnavacca & Filhos”.

A presença italiana foi forte também no setor alimentício. Além da “Carlo Fornacciari”, registre-se o “Estabelecimento Industrial Mineiro”, indústria de produtos alimentícios e indústria de cerâmica fundada por Paulo Simoni em 1909, que iria notabilizar-se pela solidez do empreendimento e qualidade dos produtos. Paulo Simoni chegou ao Brasil em 1882, ainda criança, e se fixou inicialmente no Rio de Janeiro. De lá foi para Juiz de Fora (1892), onde iniciou suas atividades comerciais e industriais e, depois de uma viagem a Europa, instalou-se na capital mineira (Fiemg). A “Massas Alimentícias Martini”, fundada por Agostino Martini, data de 1914, e a “Massas Alimentícias Isoni” foi fundada em 1922 por João Isoni. A indústria de massas alimentícias “Domingos Costa Indústrias Alimentícias S/A” é de 1925 e a indústria alimentícia “Frigorífico Perrella”, fundada por Pasquale Perrella e Anielo Anastasia, é de 1930.

Dentre outros empreendimentos industriais dignos de nota fundados por imigrantes italianos, mencionem-se a “Companhia Minas Fabril”, fundada em 1900 por César Braccer; “Cerâmica Poni & Josué”, fundada por José Poni e Josué Pezzi em 1900; “Perfumaria Marçola & Cia Ltda.”, fundada por Victorio Marçola em 1917; “Fábrica de Chapéus de Sol”, indústria de chapéus e guarda-chuvas, fundada por Antônio Ferretti em 1915; “Fábrica de Tintas Sereia”, de 1922, primeira fábrica de tintas de Belo Horizonte, fundada por Pedro Micussi, que chegou a Belo Horizonte em 1910, vindo de Buenos Aires; a “Torquato Panicali & Filhos”, primeira indústria de pregos de Minas,

fundada na década de 1920 por Torquato Panicalli, que chegou ao Brasil em 1895, em Juiz de Fora, onde atuou em marcenaria e no comércio antes de fixar-se na Capital; a “Tipografia Velloso”, fundada por Silas Velloso no começo dos anos 1920; a “Fábrica de Calçados Jade”, fundada por Miguel Terlizzi em 1931; a fábrica de móveis de Francisco Gardini, fundada na década de 1920.

No comércio a presença italiana não foi menos importante. Muitos atuaram como importadores, estabelecendo casas onde podiam ser encontrados artigos da preferência dos patrícios, tais como vinho e gêneros italianos. Outros, no ramo de materiais de construção, como os Falcis e os Gaetanis. A “Casa Falci” data de 1908, e deve-se notar que antes de desembarcarem no Brasil os Falcis se dedicavam a atividade de caldeireiros na Itália e, antes de estabelecerem a casa comercial, andaram por Minas exercendo essa atividade. Registre-se também a “Alfaiataria Callotti e Alessio”, a “Casa Gagliardi”, especializada em roupas e calçados para homens, sem falar nos muitos ambulantes que circulavam pela cidade vendendo produtos diversos ¹¹.

Legado dos pioneiros

O predomínio de imigrantes na fase inicial da industrialização brasileira tem sido quase sempre explicado pelo fato de terem aqui chegado trazendo alguma experiência em atividades dessa natureza. Um aspecto que emergiu das entrevistas realizadas para o estudo do setor mecânico em Minas foi a cultura do trabalho que os imigrantes italianos trouxeram em sua bagagem. Carlos Alberto Piacenza, atual presidente de “A Única”, indústria do setor mecânico fundada por seu pai em 1928, assinalou:

Quando meus pais vieram como imigrantes, já traziam uma cultura. Não era uma cultura da forma que entendemos hoje, intelectual, era uma cultura prática, eles sabiam fazer as coisas. Pegavam os meninos e os ensinavam a trabalhar. Eles tinham a noção de realização pelo trabalho. Sob o ponto de vista intelectual, minha mãe era analfabeta. Veio da Itália com dez anos e só assinava o nome. Mas tinha uma habilidade manual fantástica em bordado, tricô, na área de culinária também. Eu ficava impressionado com aquilo e um dia perguntei: ‘Onde é que a senhora aprendeu tanta coisa assim?’ Ela me respondeu: ‘Ah, lá na Itália, antes de aprendermos a ler e escrever, nós aprendíamos a trabalhar’.

¹¹ *Belo Horizonte & o Comércio: 100 anos de História*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1997.

Importa destacar também a importância dos imigrantes italianos na formação de mão de obra. Como não é difícil imaginar, numa sociedade recém-saída do regime escravocrata, o trabalho foi uma questão de grande centralidade ao longo de toda a Primeira República, muito especialmente no início. Observam-se as queixas em relação à mão de obra nacional; a questão da imigração, que era vista como prioritária para o progresso e a riqueza nacionais, aumento da capacidade de reprodução e possibilidade de melhoria étnica para o brasileiro.

De sorte que o grande desafio para aqueles que se dispuseram a iniciar alguma atividade industrial era encontrar mão de obra com alguma qualificação. A solução foi contratar aprendizes e ensinar os ofícios. Observou o descendente de um dos pioneiros da indústria em Belo Horizonte: *“Eles pegavam praticamente menino de rua, ensinavam e treinavam. Ficavam profissionais bons, limitados até certo ponto, mas muito bons”*.

Assim, nas primeiras décadas do século XX, pelo menos até os anos de 1940, quando foi criado o Senai, as indústrias locais foram verdadeiras escolas de ofícios, formadoras de mão de obra e berço de futuros industriais.

A Lei de Sindicalização

O Decreto do Governo Federal nº 19.790, de 1º de março de 1931, tornou obrigatório o reconhecimento de associações e sindicatos de classe pelo recém-criado Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Em 1933, foi criada a Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais – Fiemg. E, a exemplo do que ocorria no País, ao longo daquela década assistiu-se à criação de diversos sindicatos setoriais da indústria, assim como entidades representativas do comércio mineiro. É preciso lembrar que até então os interesses da indústria estavam representados na Associação Comercial de Minas – AC Minas, entidade fundada na capital mineira em 1901 com o objetivo de congregar o interesse das chamadas “classes conservadoras” (agricultura, comércio e indústria).

Importa assinalar a significativa presença de imigrantes italianos e/ou de seus descendentes nas diretorias dessas entidades. Só para ilustrar, Américo René Gianetti foi um dos fundadores da Fiemg, a qual presidiu entre 1939 e 1946, além de ter

ocupado muitos outros cargos. A família de Gianetti fixou-se no Rio Grande do Sul e ele veio jovem para Ouro Preto. Depois de formado na Escola de Minas, deu significativa contribuição para o desenvolvimento industrial do Estado. Victor Purri Filho também figura entre os fundadores da Fiemg. Muitos outros imigrantes italianos, de primeira ou segunda geração, ocuparam cargos nas diretorias da Fiemg, de sindicatos setoriais e na AC Minas. Nesta última, no começo dos anos 1950, a presidência foi ocupada por Renato Falci, que começou a frequentá-la acompanhando o pai.

Entre as décadas de 1940 e 1950, a Segunda Guerra Mundial foi a grande responsável pelo fluxo de imigração no País. A conjuntura de guerra afetou também os italianos e alemães que já se encontravam em Belo Horizonte, pois seus estabelecimentos foram alvos de violência, assim como a Casa de Itália.

O “milagre mineiro” e a Fiat

A partir dos anos 1960, e, principalmente na década seguinte, outro tipo de imigrante começou a aportar em Belo Horizonte, trazido pela nova fase do desenvolvimento de sua região metropolitana.

É importante registrar que nos primeiros anos da década de 1970 o Brasil iniciava um ciclo de crescimento acelerado. A ordem era crescer a qualquer custo, via desenvolvimento da indústria e expansão da fronteira agrícola. Minas Gerais foi, por suas condições geográficas e pelo aparato institucional criado no decênio anterior, um dos estados que mais se beneficiou da conjuntura favorável daqueles tempos, vivendo o que ficou conhecido como o “milagre mineiro”. Uma das estratégias utilizadas para promover o desenvolvimento industrial da região foi uma política de atração de capitais estrangeiros via incentivos fiscais e outras facilidades oferecidas às indústrias que aqui viessem se instalar.

A instalação da Fiat Automóveis na região de Betim foi, sem dúvida, o empreendimento mais significativo no contexto do “milagre mineiro”. Resultou de ação conjunta de entidades empresariais e o Governo Estadual, numa estratégia de defesa dos interesses de Minas Gerais diante da possibilidade de que a fábrica se destinasse a outro estado. O anúncio oficial da vinda da fábrica para Minas Gerais foi feito em 1973 e a inauguração ocorreu três anos depois.

A importância da instalação da Fiat para a economia de Minas Gerais, particularmente para seu desenvolvimento industrial, relaciona-se à capacidade

propulsora da indústria automobilística não apenas por requerer a implantação de infraestrutura e empregar mão de obra expressiva, quanto por seu efeito multiplicador ao gerar, direta e indiretamente, soma considerável de novos investimentos industriais. E assim foi propiciando também, paralelamente, uma série de iniciativas nas áreas social e cultural, de grande significado.

No ano de 2000, dando continuidade a sua política de investimentos no Estado, a Fiat instalou a Iveco, em Sete Lagoas. E, recentemente, inaugurou nova planta com capacidade que é o dobro da original, consolidando-a no cenário da indústria automotiva.

Nesse novo contexto, mencione-se ainda a chegada da TIM e outras empresas italianas de peso no Estado.

Certo é que ainda que se possa perceber o significado da chegada da Fiat e dessas novas empresas na economia, na sociedade e na cultura mineiras, seu real impacto ainda está por ser avaliado.

Antes de encerrar, é preciso que se afirme: as experiências aqui relatadas não são mais que uma pequena, mas significativa, amostra de imigrantes italianos que, com arrojo e tenacidade, participaram e participam da implantação e consolidação da indústria e do comércio em Belo Horizonte e em Minas Gerais.